

*Nascentes***“QUE SE DANE”:****O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO DE BRASIL EM UM LIVRO DIDÁTICO***Lorena Ferreira Mafra***Adilson Ventura***

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o sentido da palavra *Brasil*, a partir de um recorte presente em um livro didático, recurso que participa ativamente do desenvolvimento acadêmico dos alunos nas escolas do país. Ao analisarmos os sentidos de Brasil nessa materialidade, observamos de que modo as instituições nacionais estão sendo vistas pela sociedade. Para isso, nos filiamos à Semântica do Acontecimento (SA), teoria desenvolvida por Guimarães (2002, 2018), a qual compreende a enunciação como um acontecimento de linguagem que produz sentido a partir da relação entre língua e sujeito, sendo esta relação considerada prática política, pois instaura o conflito no centro do dizer. A partir dessa posição teórica, o acontecimento enunciativo produz sua própria temporalidade, permitindo que o sujeito fale tomado por uma memória de sentidos e enunciações que fazem a língua funcionar. Para que possamos analisar a constituição de sentidos de *Brasil* na materialidade do livro didático, utilizaremos os procedimentos de análise propostos pela SA, a reescrituração, a articulação e o Domínio Semântico de Determinação (DSD). Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam para um embate de sentidos entre o individualismo do brasileiro e os interesses ambientais e coletivos, embora não haja reflexões sobre o assunto no material didático.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; Livro didático; Semântica do acontecimento; Sentidos.

Introdução

Neste artigo, selecionamos, como recorte, um enunciado presente no livro didático (LD) Português Contemporâneo – Diálogo, Reflexão e Uso (2016), volume 3, de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien¹. Trata-se de um texto intitulado Estatuto fundamental da Q.S.D, extraído da sessão dedicada à produção de texto do exemplar didático, sobre o qual realizamos análises a respeito dos sentidos da palavra *Brasil*.

* Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

** Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Atua principalmente nas áreas de Semântica da Enunciação e Análise de Discurso. Participa do grupo de pesquisa Semântica do Acontecimento (Unicamp).

¹ A quem interessar, indico a leitura de trabalhos com análises em livros didáticos, produções do Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica (GEPES), como “Cenas repetidas: sentidos e memoráveis de gênero no livro didático (2016), de Florisbete de Jesus Silva, “O humor e a construção do sentido em piadas e tiras cômicas: imagem lúdica dos sujeitos ou disseminação e propagação de preconceitos?” (2018), de Poliana Miranda Sampaio Almeida, e “Pátria minha”: sentidos de Brasil no livro didático” (2020), de Lorena Mafra, Júlia Bomfim, Maria Alice Ferraz e Adilson Ventura.

O livro didático, ao longo do tempo, conquistou cada vez mais espaço no sistema educacional brasileiro, o que favoreceu à consolidação desses materiais como instrumento de ensino nas escolas. A grande utilização dessas obras nos permite associá-las à formação dos cidadãos e sua construção intelectual, uma vez que o recurso didático participa do desenvolvimento crítico e interpretativo dos discentes, representando uma fonte confiável de informações e conhecimento que ressoam na sociedade.

Além dos LDs destinados aos alunos, de acordo com a fase escolar, são produzidas coletâneas didáticas específicas para os professores, uma obra adaptada que adiciona aos livros tradicionais sugestões de resposta para os exercícios propostos e outras recomendações direcionadas ao docente como opção para a condução da performance em sala de aula. No entanto, a escassez de recursos, profissionalização, ou mesmo pela sobrecarga de trabalho, juntam-se aos fatores que colaboram com o exclusivismo desses materiais no ambiente escolar. O uso cada vez mais concentrado dessa ferramenta assinala a importância de observarmos como estão sendo abordados seus conteúdos, tendo em vista o papel que cumpre no desenvolvimento acadêmico e na formação social.

Ademais, ressalta-se a relevância em analisarmos como estão sendo constituídos os sentidos do termo *Brasil* e como estes significam nas enunciações dos LDs, observando como estão sendo veiculados em sala de aula e como isso participa na forma como a sociedade se relaciona e compreende as instituições nacionais. Assim, pretende-se, nessa materialidade linguística, analisar de que forma *Brasil* significa na enunciação recortada, observando a constituição de sentidos e como estes são tratados no exemplar didático.

O livro utilizado neste trabalho encontra-se dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC), sendo disponibilizado pelo Programa Nacional do Livro e do material Didático (PNLD). Para este artigo, analisaremos somente o texto, uma vez que o exercício sugerido pela obra trabalha apenas um tema do enunciado, e não o texto em si, o que pode ser discutido e analisado em outra oportunidade.

Este trabalho inscreve-se na Semântica do Acontecimento (SA), fundamento teórico postulado por Eduardo Guimarães (2002; 2018), a partir do qual é possível observar o funcionamento semântico mobilizando procedimentos analíticos, tais como a articulação, a reescrituração e o Domínio Semântico de Determinação (DSD). Desse modo, observaremos alguns aspectos teóricos da SA, os mecanismos de análise, a apresentação do recorte com as análises e discussões, e, por fim, as considerações finais adquiridas por meio deste trabalho.

Semântica do Acontecimento: pressupostos teóricos

Desenvolvida por Eduardo Guimarães (2002; 2018), a Semântica do Acontecimento (SA), campo teórico sob o qual empreende-se este trabalho, considera que os sentidos são constituídos no acontecimento do dizer, e que não são fixos, tendo em vista sua constituição na enunciação, ou transparentes, dado que o sujeito não possui controle dos sentidos.

De acordo com o semanticista, os sentidos são decorrência de uma ação enunciativa, e a enunciação

[...] é um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória do acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se vê interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento. (GUIMARÃES, 2002, p. 70)

A enunciação possui uma temporalidade própria, que funciona a partir do acontecimento do dizer, e não se confunde com o tempo do locutor ou com o tempo cronológico, pois o que temporaliza é o próprio acontecimento. Dessa forma, a temporalidade é composta pelo presente do acontecimento, pelo passado do acontecimento (memorável) e pela projeção de uma futuridade que possibilita sentidos e interpretações.

O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nessa memória, portanto, não é estar notempo (dimensão empírica). (GUIMARÃES, 2002, p. 14)

O acontecimento de linguagem, por ocorrer nos espaços de enunciação, constitui um acontecimento político, e realiza-se por meio do funcionamento da língua e sua relação com o sujeito (falante).

[...] se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos. (GUIMARÃES, 2018, p. 50)

O espaço de enunciação, portanto, não se trata de um espaço físico, mas um espaço político em que as línguas são desigualmente distribuídas e agenciam continuamente os falantes, também de modo desigual, a enunciar. Nesse espaço político, o agenciamento dos falantes configura as cenas enunciativas, “especificações locais nos espaços de enunciação, (...) lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer”. (GUIMARÃES, 2002, p. 23)

Nessa perspectiva, conforme Guimarães (2018), temos as figuras da enunciação Locutor (L), Locutário (L), alocutor-x, e alocutário-x. De acordo com Machado (2011, p. 70),

“o Locutor, ao dizer, desconhece que fala de um lugar social [...]. E aí temos a figura do enunciador que se representa na enunciação como se estivesse fora da história, na origem do dizer, ignorando que fala de um lugar social, de que há uma memória de sentidos que o agencia”. De acordo com Guimarães (2002, p. 26), o lugar social de enunciador pode se apresentar de quatro modos, caracterizados pela representação do apagamento dos lugares sociais do Locutor. São eles: enunciador-individual, enunciador-coletivo, enunciador-genérico, enunciador-universal.

Procedimentos enunciativos: reescrituração, articulação e Domínio Semântico de Determinação (DSD)

Para analisar a constituição dos sentidos no acontecimento de linguagem, Guimarães (2002, p. 53) propõe dois procedimentos enunciativos, a reescrituração e a articulação. A reescrituração é descrita pelo autor como sendo um modo de redizer o que já foi dito, permitindo, assim, que haja uma variação de sentidos. Sobre esse mecanismo analítico, Guimarães (2007) diz:

A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. (...) Trata-se de uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos. Ou por negar a outra, ou por retomá-la, ou por redizê-la com outras palavras, ou por expandi-la ou condensá-la etc. (GUIMARÃES, 2007, p. 84)

De acordo com Guimarães (2007, p. 85), entre os modos de apresentação desse mecanismo de análise, temos que a reescrituração pode se dar por a) repetição, quando for totalmente retomada, b) substituição, quando há a retomada de uma expressão por outra expressão, c) elipse, quando há omissão no enunciado, d) expansão, quando amplia-se o que está dito, e) condensação, quando condensa, sintetiza a narrativa anterior, e f) definição, quando define um termo. A constituição de sentido pela reescrituração pode ser também verificada a partir da sinonímia, especificação, enumeração, desenvolvimento, generalização e totalização.

Já o procedimento da articulação caracteriza-se pelo vínculo que o termo tem com outros termos circundantes no enunciado e é definido por Guimarães (2009, p. 51) como “o procedimento pelo qual se estabelece relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam em sua contiguidade”.

Esses mecanismos formam a configuração do Domínio Semântico de Determinação (DSD), que pode ser definido como a retratação das relações de reescrituração e articulação, uma representação “do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o

funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado” (GUIMARÃES, 2007, p. 81). A demonstração dessas relações de sentido são realizadas por meio dos sinais (┌, ⊥, ⊥, ⊥), para a relação de determinação, (-----), para a relação de sinonímia, e (_____), para a relação de antonímia.

A composição do corpus deste trabalho se deu por meio da seleção do texto em um livro didático de português. Essa seleção é realizada a partir da utilização do método de sondagem, um mecanismo através do qual é possível encontrarmos acontecimentos de enunciação que interessam à pesquisa, observando a produção de sentido e considerando a linguagem pela análise do acontecimento. É a partir da sondagem que determinamos o recorte, um “fragmento do acontecimento de enunciação”. (GUIMARÃES, 2014, p. 40)

Resultados e discussões

Neste artigo, analisamos o texto intitulado Estatuto fundamental da Q.S.D, extraído do livro didático Português Contemporâneo – Diálogo Reflexão e Uso (2016), volume 3, manual do professor, sobre os quais pretende-se observar as relações de linguagem e constituição de sentido do termo *Brasil*. Utilizamos a sigla (**R**) para identificar o recorte da estrofe em análise, seguindo a ordem do texto no exemplar.

R1: Estatuto fundamental da Q.S.D
Brasileiros e brasileiras, orgulhem-se
Juntos, fazemos parte da maior
Organização Não Governamental do mundo
Somos mais de 250 milhões de membros efetivos.

Em uma reescrituração por condensação, como vimos anteriormente, há uma totalização de uma expressão ou termo por outra expressão ou termo. Dessa forma, temos que o título de um texto é uma reescrituração, por condensação, de todo o texto. Nesse recorte, portanto, o título **Estatuto fundamental da Q.S.D** corresponde à uma reescrituração, por condensação, do texto que o acompanha.

Podemos considerar tratar-se de um texto sobre *Brasil* a partir da relação textual existente no enunciado da primeira estrofe. A presença do vocativo **brasileiros e brasileiras** marca para quem está sendo falado, nos permitindo considerar que o texto fala para brasileiros sobre seu país, o Brasil.

Segundo Guimarães (2018, p. 261), “com o enunciado vocativo constitui-se um tu (alocutário) a partir de uma nomeação, em outras palavras, a partir de uma enunciação que ‘precede’ o funcionamento do vocativo”. Desse modo, tem-se configurada uma relação de

articulação por incidência do enunciado vocativo com os demais enunciados, “significando a enunciação de um alocutor para um alocutário”.

À vista disso, temos que **brasileiros e brasileiras** são os alocutários do acontecimento de linguagem, ou seja, a enunciação vocativa, para além de marcar o tu da cena enunciativa, constitui o lugar social para quem se fala.

A enunciação vocativa é um modo de agenciar *alguém* em alocutário. Neste caso, a relação não é, então, entre Locutor (L) – Locutário (LT). A relação que se constitui pelo enunciado vocativo é entre o lugar social de alocutor (al-x) e o lugar social de alocutário (at-x). Isso significa que o processo de significação daquele designado (ou referido) pelo nome é parte do sentido do vocativo.[...] A história da constituição deste lugar significa no enunciado vocativo. Há, pois, na cena enunciativa, os elementos da constituição histórica do sentido da palavra que aparece como enunciação vocativa. (GUIMARÃES, 2018, p. 264)

Ainda em relação às reescrituras, podemos observar que **Organização Não Governamental** reescritura, por substituição, *Brasil. Organizações Não Governamentais*, também conhecidas por sua abreviação, ONGs, são entidades de caráter privado, constituídas pela sociedade civil, cujo objetivo é a defesa de determinadas causas políticas e sociais, sem possuir finalidade lucrativa. A reescrituração de *Brasil* por **Organização Não Governamental** no enunciado recortado, no entanto, produz sentidos a partir do memorável de desgoverno, significando como uma administração inexistente ou mal exercida.

Quanto ao mecanismo da articulação, temos que a expressão **brasileiros e brasileiras** está articulada com **orgulhem-se**, que se articula com **juntos, fazemos parte da maior Organização Não Governamental do mundo**. O último verso da estrofe, **somos mais de 250 milhões de membros efetivos**, por sua vez, articula-se com **juntos, fazemos parte da maior Organização Não Governamental do mundo**.

As relações de linguagem presentes nesse recorte produzem sentidos de que o *Brasil* é uma entidade desvinculada do governo, e seus cidadãos membros dessa organização.

R2: Nossa sigla é nosso lema:
Que Se Dane.

No segundo recorte, temos que **nossa** é uma reescritura, por condensação, de *Brasil*, enquanto **Que Se Dane** articula-se com **nossa sigla é nosso nome**. A partir disso, podemos observar que **Que Se Dane** determina o que é *Brasil*.

R3: Todo cidadão brasileiro é,
automaticamente, filiado à Q.S.D.
é um direito nato e inalienável.

Nessa estrofe, **todo cidadão brasileiro é, automaticamente, filiado à Q.S.D** articula-se com **é um direito nato e inalienável**. Esta relação de linguagem recorta um memorável a partir da norma jurídica brasileira, a qual institui rol de direitos concedidos pelo fato natural do nascimento (direito nato), seja pelo local de nascimento ou pelo fator sanguíneo, e considera que direitos fundamentais não podem ser negados (irrenunciáveis) ou voluntariamente cedidos a outra pessoa (inalienáveis). À vista disso, produz-se sentidos de que, ao nascer no Brasil, os cidadãos brasileiros estão vinculados à instituição e suas regras e condutas.

R4: A água do planeta vai acabar?
Que se dane.
O Novo Código vai exterminar as florestas?
Que se dane.
A poluição e os agrotóxicos aniquilarão a humanidade?
Que se dane.
Nossa causa é a não causa.

No quarto recorte, observamos uma sequência de articulações entre versos. **A água do planeta vai acabar?** está articulada com **Que se dane**, assim como **O Novo Código vai exterminar as florestas?**, **A poluição e os agrotóxicos aniquilarão a humanidade?** e **Nossa causa é a não causa**.

A água do planeta vai acabar recorta um memorável da potencial crise hídrica acarretada pela poluição, desperdício, falta de saneamento adequado, etc. **O Novo Código vai exterminar as florestas** rememora a Lei de Proteção da Vegetação Nativa, conhecida popularmente por Novo Código Florestal, dada a revogação do Código Florestal Brasileiro de 1965. O Novo Código dispõe de normas gerais a respeito de preservação, exploração, controle e proteção das florestas brasileiras, entre outras coisas. **A poluição e os agrotóxicos aniquilarão a humanidade**, por sua vez, recorta um memorável da degradação do meio ambiente, seja com a poluição natural ou acarretada/agravada pela ação do homem, e o uso desordenado de agrotóxicos que podem gerar um lastro de contaminação, afetando vários ecossistemas e a vida humana.

Desse modo, essas relações enunciativas significam a partir do memorável dos problemas socioambientais enfrentados pelo país e pelo planeta, produzindo sentidos de que o *Brasil* não se interessa pelas pautas de conscientização ambiental.

R5: Jogar lixo na rua, lavar calçada com água corrente,
andar de carro sozinho, derrubar árvore que chateia,
fazer barulho acima do limite.

Não há limites.

Faça o que bem entender.

Seus direitos são todos.

E seus deveres, nenhum.

Já nesse enunciado, temos que **jogar lixo na rua, lavar calçada com água corrente, andar de carro sozinho, derrubar árvore que chateia, fazer barulho acima do limite** articula-se com **não há limites**. Por essa articulação, projeta-se sentidos de que, no *Brasil*, não há responsabilidade ambiental ou coletiva. Ressalta-se que, nessa passagem, há um desvio dos problemas exclusivamente ambientais para problemas da vivência em sociedade, como **fazer barulho acima do limite**.

Faça o que bem entender articula-se com **não há limites**, enquanto **seus direitos são todos** articula-se com **e seus deveres, nenhum**. Essas articulações significam a partir da projeção de *Brasil* como um país desgovernado, sem administração, sem regras e sem responsabilidades, marcado pela individualidade.

Faça o que bem entender faz relação com o vocativo, sendo por conta desse funcionamento que entende-se que o brasileiro pode agir da forma que quiser. A articulação de **seus direitos são todos** com **e seus deveres, nenhum** projeta sentidos da priorização do individualismo acima da coletividade.

R6: Aos politicamente corretos, aos ecologistas de plantão,
à sustentabilidade, à cidadania.

A tudo que se coloca à frente do liberalismo incondicional,
Dedicamos o nosso mais alto repúdio.

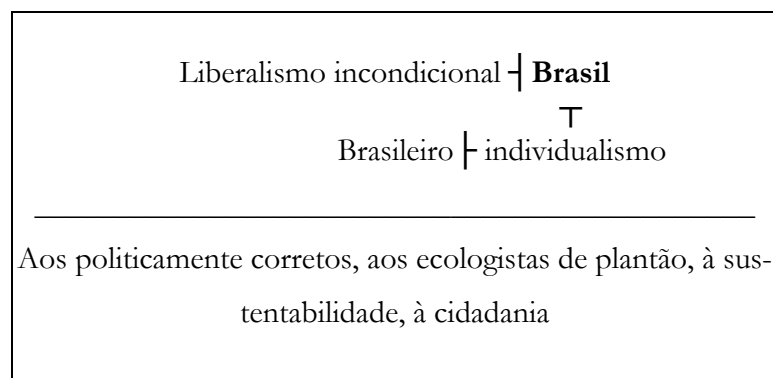
E o resto que se dane.

No último recorte, temos que os versos **aos politicamente corretos, aos ecologistas de plantão, à sustentabilidade, à cidadania** estão articulados com **a tudo que se coloca à frente do liberalismo incondicional** e com **dedicamos o nosso mais alto repúdio**, que, por sua vez, articula-se com **e o resto que se dane**.

A partir dessa análise, temos que **politicamente corretos, ecologistas de plantão, sustentabilidade e cidadania** estão em oposição ao que se considera **liberalismo incondicional**. Recorta-se um memorável do liberalismo econômico, do movimento capitalista, onde se pode fazer tudo desde que obtenha lucro. Desse modo, temos que o brasileiro repudia políticas públicas que condicionem seus direitos e deveres à um bem estar coletivo. Prioriza sua individualidade, mas desde que ela funcione a partir desse liberalismo, ou seja, a individualidade marcada no texto não é absoluta, mas dependente do lucro próprio.

A expressão **e o resto que se dane**, por sua vez, articulada a **dedicamos o nosso mais alto repúdio**, faz significar que as consequências do liberalismo incondicional não importam aos brasileiros. A individualidade e o lucro próprio estão acima dos interesses da coletividade, portanto, que se danem.

Para representar essas construções de sentido, elaboramos o seguinte DSD:



Fonte: Elaboração própria.

No DSD, “liberalismo incondicional” determina *Brasil*, *Brasil* é determinado por “individualismo” e “brasileiro” é determinado por “individualismo”. Estas relações estão em oposição com “aos politicamente corretos, aos ecologistas de plantão, à sustentabilidade e à cidadania”. Tais relações de determinação demonstram que *Brasil* significa a partir do sentimento de individualidade do brasileiro. A relação de oposição, por sua vez, atribui sentidos de que políticas públicas que visam a proteção ambiental e coletiva não contemplam o liberalismo incondicional que busca o brasileiro, uma vez que o interesse deste resume-se unicamente ao lucro pessoal. Assim, *Brasil* significa a partir de um memorável do liberalismo econômico, onde o ganho pessoal está acima de qualquer coisa, não importando as questões da vida em sociedade.

Conclusão

As relações enunciativas apresentadas nesta análise nos permitem refletir sobre como os sentidos de *Brasil* vêm sendo constituídos nos livros didáticos. Ao observamos as relações de sentido presentes no texto, recorta-se um memorável de interesse individual acima do coletivo, determinando *Brasil* como um lugar onde não se considera o outro, o restante, apenas os interesses pessoais. A partir desse memorável, notamos que a proposta do texto não é discutir problemas ambientais, mas o olhar individualista do brasileiro.

Assim como mencionamos, optamos por não trabalhar com o exercício proposto pelo manual do professor nesta análise, tendo em vista que ele não trata do texto em si, mas de um tema específico voltado para questões ambientais. Contudo, imperioso se faz mencionar como o livro didático apaga a própria interpretação de texto direcionando para uma discussão que trata apenas do meio ambiente, sem abordar outros aspectos sobre o país. A elaboração da atividade é feita para se ter como base um texto, mas não permite que sejam exploradas outras interpretações e sentidos.

Desse modo, embora sentidos de individualismo estejam funcionando no acontecimento enunciativo, não podemos considerar que estejam sendo percebidos pelos discentes que utilizam esses materiais cotidianamente, tendo em vista haver um silenciamento desses sentidos nos LDs. Com isso, percebemos que *Brasil* pode significar de formas diferentes em cada acontecimento linguístico, embora haja um direcionamento por parte do livro didático, delimitando a significação e promovendo o apagamento interpretativo.

“WHAT THE FUCK”:

THE SEMANTIC FUNCTIONING OF BRAZIL IN A TEXTBOOK

ABSTRACT: This article aims to analyze the meaning of the word *Brazil*, from a clipping present in a textbook, a resource that actively participates in the academic development of students in schools across the country. When analyzing the meanings of *Brazil* in this materiality, we observe how national institutions are being seen by society. For this, we join the Semantics of the Event (SE), a theory developed by Guimarães (2002; 2018), which understands enunciation as a language event that produces meaning from the relationship between language and subject, this relationship being considered practical politics, since it establishes conflict at the center of saying. From this theoretical position, the enunciative event produces its own temporality, allowing the subject to speak taken by a memory of meanings and enunciations that make language work. To analyze the constitution of meanings of *Brazil* in the materiality of the textbook, we will use the analysis procedures proposed by SE, rewriting, articulation and Semantic Domain of Determination (SDD). The results obtained in this research point to a clash of meanings between Brazilian individualism and environmental and collective interests, although there are no reflections on the subject in the teaching material.

KEY-WORDS: Brazil; Textbook; Semantics of the Event; Senses.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Poliana Miranda Sampaio. *O humor e a construção do sentido em piadas e tiras cômicas: imagem lúdica dos sujeitos ou disseminação e propagação de preconceitos?*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2018.

CEREJA, W. DIAS VIANNA, C. DAMIEN, C. *Português contemporâneo – diálogo, reflexão e uso*. Vol. 3. São Paulo: Saraiva, 2016.

GUIMARÃES, E. R. J. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, 2009.

_____. *Designação e espaço de enunciação: um escrito político no cotidiano*. Letras (Santa Maria), Santa Maria, 2003.

_____. *Domínio semântico de determinação. A palavra, forma e sentido*. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação*. Fragmentum (UFSM), 2014.

_____. *Língua e enunciação*. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), Campinas, 1996.

_____. *Os limites do sentido: um estudo histórico enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Semântica, enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

MACHADO, Carolina de Paula. *Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX*. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2011.

MAFRA, Lorena, BOMFIM, Júlia, FERRAZ, Maria Alice Santos, VENTURA, Adilson. “Pátria minha”: sentidos de Brasil no livro didático. (2020). *Philologus*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/XV_JNLFLP/resumos/patria_LORENA.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

SILVA, Florisbete de Jesus. *Cenas repetidas: sentidos e memoráveis de gênero no livro didático*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA, 2016.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) pelo suporte acadêmico.

Recebido em: 29/10/2021.

Aprovado em: 14/12/2021.